

5 MESES

José Amilson Rodrigues Vieira¹

O vermelho se faz rosa, banco, nada. E nada se fazem os sons, as cores e os odores que vestem meus sentidos. Eu estou nua, intangível, invisível, nada. Tudo é luz, uma luz suportável aos olhos mas hostil aos pensamentos. Tudo é silêncio, um silêncio que, de tão nítido, me desnorteia. Por um momento, perco *links* com quaisquer momentos. Sou perpassada pela luz, fragmentada pelo silêncio. Inexistio... ...existio. A invisibilidade me devolve a forma, a tangibilidade. Sons, cores e odores revestem os meus sentidos. Por poucos momentos, recupero *links* com alguns momentos. A mesclagem de silêncio e luz subverte o nada. E o nada se faz branco, rosa, vermelho.

Vejo meu príncipe. Ele é perfeito. Não haverá homem igual ao meu amado. Ele segura as minhas mãos, olha em meus olhos e sorri. Eu o abraço. Ele não diz nada, mas a paz em seus olhos me faz sentir completa. Ternamente, ele solta as minhas mãos, tira o seu olhar do meu; já não sorri. É o fim. Sou angústia, desespero, dor. Imploro a ele que fique. Suplico aos céus que não me neguem esta parte de mim. Não há respostas. Ele se afasta lentamente. Sou angústia, desespero, dor. Quero ser apagada pela mesma luz, levada pelo mesmo silêncio; quero viver eternamente em seu abraço.

Enquanto meu anjo se vai, desce por minhas pernas o que seria o meu gozo maior, a obra-prima dos meus prazeres; escorre entre meus dedos a minha vida.

Era uma dessas sextas que nunca terão um sábado, uma dessas noites que sempre serão trevas. Alguém avançou o sinal e abreviou a minha felicidade. Foi ali que perdi meu filhinho, foi ali que eu morri.

Recebido em: 30/10/2015. Aceito em: 18/05/2016

¹ Universidade Federal do Tocantins. Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFT). Amilson.uft@hotmail.com